

Ingleses admitem negociar

sexta-feira, 9/2/90 □ 1º caderno □ 3

dívida sem precondições

Teodomiro Braga

LONDRES — Os banqueiros ingleses concordaram em esquecer o passado de atritos e desentendimentos com o Brasil e negociar a dívida externa com a administração Collor a partir da estaca zero, sem pré-condições. Esse foi o principal resultado da reunião de quase uma hora entre os representantes dos maiores bancos ingleses e o presidente eleito, Fernando Collor de Mello, segundo relato do mais graduado banqueiro participante do encontro, o presidente do Midland Bank, Kit McMahon. "Ele está preparado para ficar de pé ou cair", disse McMahon, resumindo sua impressão causada por Collor.

Em seus encontros com os homens de negócios ingleses, Collor afirmou que o combate à inflação em seu governo será uma luta de vida ou morte, para ser decidida nos primeiros 100 dias de governo. Repetindo reações de outros empresários e banqueiros dos países visitados pelo presidente eleito, Kit McMahon afirmou: "Estou impressionado com a determinação de Collor em combater a inflação". Segundo o presidente do Midland Bank, não houve discussão sobre os detalhes da proposta para negociação da dívida brasileira durante o encontro. Collor reiterou aos ingleses que não pretende adotar medidas de confronto, insistindo, porém, que a solução do problema da dívida terá de deixar espaço para o país retomar seu crescimento econômico.

Fábula — Durante almoço organizado pela Câmara Brasileira de Comércio do Reino Unido, o presidente eleito afirmou que "a inflação é o primeiro inimigo e será combatida com vigor implacável". Diante de quase 400 empresários que pagaram 37 libras (NCz\$ 1.265,77) cada para comparecer ao almoço no Hotel Carlton Tower, numa das maiores audiências já registradas nos eventos promovidos pela Câmara, Collor contou uma fábula para, segundo afirmou, ilustrar sua disposição de enfrentar a inflação:

"Um caçador está na floresta e em seu rifle só tem uma bala. Ele encontra um tigre esfomeado e matá-lo é a condição de sobrevivência. Terá que dar um tiro certo entre os olhos do tigre", narrou o presidente eleito, para fazer em seguida a ligação entre a fábula, a situação do Brasil e a sua determinação de vencer de imediato a guerra contra a inflação. "A inflação é o tigre que ameaça a sobrevivência do Estado brasileiro, tenho uma possibilidade de vencê-la e terei que fazê-lo rapidamente com políticas certas e no momento exato. Mas não se preocupem, tenho excelente pontaria. Não vou errar". Collor havia contado a mesma fábula nas reuniões fechadas com empresários em Tóquio e Nova Iorque, mas foi a primeira vez que mencionou-a em discurso público, e foi muito aplaudido.

Preocupação — Contrariando a expectativa, a inflação foi o grande assunto das conversas de Collor com empresários e banqueiros britânicos, que demonstraram especial preocupação com a ameaça de hiperinflação no Brasil. O assunto foi levantado logo na primeira das quatro audiências concedidas por Collor na parte da manhã, no escritório improvisado no Hotel Claridges, um dos mais tradicionais de Londres, onde se hospedou a comitiva do presidente eleito. O banqueiro Robin Leigh-Pemberton, governador do Banco da

Inglaterra (o Banco Central do país), quis saber os planos de Collor para enfrentar a alta dos preços, mesmo tema das perguntas feitas uma hora depois, na reunião com os dirigentes dos principais bancos ingleses. Estavam presentes nesse encontro Kit McMahon, presidente do Midland Bank, John Quinton, presidente do Barclays, Robin Ibbs, vice-presidente do Lloyd's, W.L. Brown, presidente do Standard Chartered e Christopher Tagendhat, representante do National Westminster.

As indagações sobre os planos do presidente eleito para derrubar a inflação surgiram depois da exposição inicial de Collor, que impressionou favoravelmente os banqueiros ingleses com suas propostas para modernizar o capitalismo brasileiro. "Palavras são palavras, o que importa são as ações e vou promover uma série de reformas que vão derrubar a inflação", garantiu o presidente eleito, que estava acompanhado da economista Zélia Cardoso de Mello e do futuro secretário-chefe do Gabinete Civil, embaixador Marcos Coimbra. Zélia ajudou o presidente em algumas respostas. O outro encontro de Collor de manhã foi com o secretário de Estado de Comércio e Indústria, Nicholas Ridley. Em seus dois dias na Inglaterra, o presidente eleito se reuniu com quase todos os principais secretários de Estado de governo britânico, ficando de fora apenas o secretário da Defesa.

Piadas — Outra demonstração de prestígio do presidente eleito em sua passagem por Londres foi o almoço de ontem no Carlton Tower, que teve de providenciar uma sala anexa ao salão de recepções para acomodar o excesso de convidados. Antes de ler o discurso, Collor descontraíu o ambiente contando, em inglês, piadas aos sisudos empresários britânicos. "No encontro que tive hoje de manhã com Mr. Ridley — narrou o presidente —, contei-lhe a história de um turista brasileiro que, ao visitar um museu de Wellington, viu uma mesa de jantar de ouro doada por D. João VI aos britânicos, como recompensa pela proteção durante as guerras napoleônicas. Ocorreu a ele que essa mesa deveria retornar a nós, e aí poderia representar uma ajuda significativa para o pagamento da dívida externa brasileira" (gargalhadas e aplausos). Continuou Collor: "Mr. Ridley retrucou que, em sua viagem ao Brasil, ele foi convidado pelo cônsul no Rio de Janeiro a visitar as residências de sua vizinhança. Lá ele viu uma favela enorme e então entendeu porque a conta de luz do consulado era tão elevada. Todas as casas da favela eram ligadas à caixa de eletricidade do consulado. Para Mr. Ridley, isso pareceu a contribuição dos britânicos para ajudar no pagamento do serviço da dívida externa brasileira". (Mais risos e aplausos).

Apoio — Falando para uma platéia composta essencialmente por representantes das principais empresas inglesas com interesses no Brasil, Collor centralizou seu pronunciamento — feito em português — na questão da inflação, que classificou como "o aspecto mais imediato da crise". Colocou as suas propostas para reforma do aparelho estatal como etapa inicial do combate à inflação, que será completado, disse ele, com as outras reformas previstas no programa econômico: o ajuste fiscal, a desregulamentação, a liberalização da economia e a abertura do país à economia internacional. Ao final do discurso, que durou quase uma hora, os empresários britânicos demonstraram seu apoio aos planos de Collor com fortes aplausos.

A questão da dívida brasileira com o Clube de Paris não foi tocada em nenhum dos encontros mantidos pelo presidente eleito, nem na reunião com o governador do Banco da Inglaterra, Robin Leigh-Pemberton. Tampouco se falou da conhecida exigência de o Brasil fazer acordo com o Fundo Monetário Internacional. Robin Leigh-Pemberton, que fez declarações amistosas sobre Collor — "Estou muito impressionado" — e a intenção dos banqueiros de negociar com ele, é o mesmo que costuma dizer que os bancos não são instituições de caridade e precisam receber todas as suas dívidas. O embaixador da Inglaterra no Brasil, Michael Mewngton, não regateou elogios ao presidente eleito: "É um homem muito positivo. Homem de convicções, determinado. Expressa-se muito bem. Ele sabe do que fala".